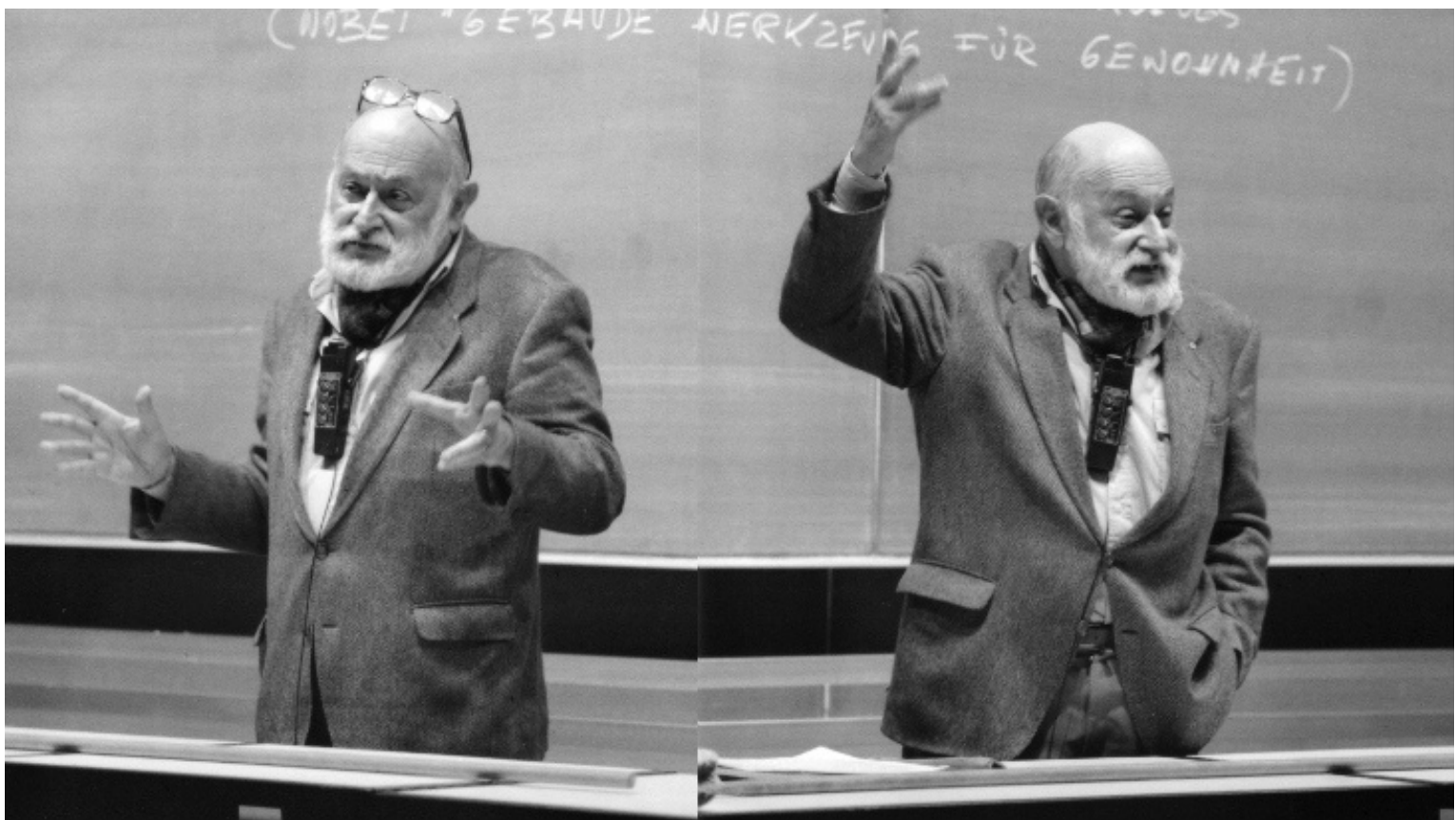


OS ALFABETOS DE FLUSSER



José Paulo Teixeira

OS ALFABETOS DE FLUSSER

JOSÉ PAULO TEIXEIRA

Aurora autoral de uma escrita inventiva

No que difere a filosofia da sua poesia? Na arte de encontrar-se, de atravessar os tempos e adiantar-se no fazer e no pensar, ensina Maria Zambrano.¹

Fazer filosofia é concorrer com o tempo que é capaz de devorar os próprios filhos. A missão genuína do filósofo é antecipar-se a isso e, nesta sua precipitação, entregar-se.

Esse, o endereçamento, na entrega e dedicação ao ofício de filosofar, de criar e inventar tempo dentro dos tempos e para além deles chamo de Poesia o que o filósofo escuta e responde pelo nome de vocação.

Mais do que o trabalho do pensamento, a poesia é uma forma de antecipação, de comunicação e de adoração. De afirmação da vida e da alegria vencedora tendo como referência as divinações primeiras.²

Antecipar-se ao tempo, antecipar-se aos deuses, antecipar-se à morte, antecipar-se à própria salvação. A poesia é uma forma de afirmar a vida e sobreviver à decadência que precede o fim. É querer interligar e engravidar-se dessa antecipação para, na hora derradeira da escrita, deixar-se conduzir por ela.

Cidade Futura, 22 de Setembro de 2020.

¹ "Filosofia é encontrar-se a si mesmo, atravessando o tempo correndo com o pensamento mais que o tempo mesmo, adiantando-se a ele". María Zambrano Filosofia e Poesia, p. 101

² José Paulo T. O doador de chance. Cidade Futura, 2020.

Os Alfabetos de Flusser

Comunicologia se faz com poesia

Como vimos, Sloterdijk é um encenador e, tal como seu mestre Nietzsche, também é um grande estilista. Foi no segundo quesito onde seguiu os passos do seu mestre, naquilo que ele tem ou guarda de mais genuíno a cada vez que o lemos: sua arte de tornar as coisas aparentes ou superficiais em terminações energéticas explosivas.

Se Sloterdijk enriquece a filosofia com as mais saborosas histórias que revalidam toda a grandeza e o valor da sua antropotécnica. Flusser, tal como eu o leio, comunica uma outra filosofia e está entre os pensadores geniais mais citados por Sloterdijk.³ Flusser é também muito citado por sua filosofia da fotografia, do design, da comunicação e da revolução digital e computacional. Mas, no fundo de tudo isso, está quem foi desde sempre o grande filósofo da inovação: além de genial autotradutor de si mesmo, é um legítimo criador de alfabetos.

Os alfabetos de Flusser

Vive-se melhor quando não se tem razão... alguma. Insistir em ter razão de ter razão da razão é um erro. Afasta as pessoas e espanta os devires. Medito nestes breves sobre a questão da razão como leio na filosofia de Flusser, uma filosofia da razão que é também a razão da sua ficção. Nelas – na sua filosofia e na sua ficção – encontrei os alfabetos de Flusser nas suas mais expressivas ‘traduções’ ou futurições.

Se, num primeiro alfabeto, Flusser põe acento na razão Da Dúvida; no segundo acentua a ficção Da Certeza. Sabe-se que se tem alguma razão em quase tudo, mas, na maior parte das vezes, não sabemos como comunicá-la. Dela extraímos apenas faíscas, grânulos de pólen, gotículas de orvalho, fuligem de material tóxico, fragmentos de verdade.

Sim, é melhor não ter razão. Prefiro a ficção da sua verdadeira mentira. Eis o Segundo Alfabeto de Flusser: essa consciência ficcional da razão, tal como as expressei nas Orteguianas, lições ou Meditações do Quixote e Sobre a técnica. Ambas nos conduzem à liberdade do pensamento vital da pós-história. Ao menos a liberdade na sua genuína expressão de liberdade, diferente da liberdade da liberdade de expressão e a certeza dos riscos da escravidão das ideias prontas e acabadas.

Pois a liberdade não coincide com a razão. Nem com ter opinião de tudo, para tudo, a qualquer hora ou lugar. Ter opinião não basta. Ela limita ou constrange as chances da liberdade. Por isso não me canso de repetir: ter opinião não basta! Assim como a maior parte das vezes ter razão é um desperdício de energia vital. Seus efeitos são imediatos: aumenta a tensão, rebaixa a potência de vida e entrava o convívio com as pessoas.

³ Referencia que o autor faz do seu texto “A antropotécnica da superação em Peter Sloterdijk”, publicado em “Breviários da Composia”: www.josepauloteixeira.com.br/breviarios

Ainda assim, somos uma civilização hiperprodutora de razões e os seus maiores acumuladores; distribuimos razões para todos os lados, pra esquerda, pra direita, pra cima, pra baixo. Talvez isso explique a razão de nossa decadência, de nossa hostilidade, de nossa bestialidade, de nossa insignificância. Excesso de razão e ascensão da insignificância caminham lado a lado. O alto preço que pagamos a cada vez que acreditamos estarmos cobertos de razão.

Toda a sua ‘Comunicologia’⁴ – bem vistas as letras desde Língua e Realidade, sua obra-prima⁵ –, tornou-o poeta de um novo alfabeto do pensamento. Sua obra ficcional estranha ou apavora seus leitores, a começar pela inusitada “História do diabo”, por seu “Natural : mente”, o esquisito “Vampyroteuthis Infernalis” que escreveu com Louis Tec, suas aulas e conferências, tudo que fez dele um pensador ímpar, filósofo fenomenológico da língua que faz o tempo todo ficção da filosofia.

As suas “Ficções Filosóficas” e seu “Pós-história: vinte instantâneos e um modo de usar”, atestam a genialidade de nosso estrangeiro mais brasileiro. Assim o leio em seu idioma peculiar para tentar acompanhar ou falar a língua dos alfabetos que Flusser inventou ao juntar numa mesma sequência imagética e matemática a sua ficção e a razão comunicacional - sem perder a pose ou disfarçar a posição que ocupa em nosso inexistente cânone filosófico – como já o fizera na relação entre arte e ciência.

De certa forma ou à sua maneira, Flusser retoma, entre outros, a empresa filosófica iniciada com Deleuze e Foucault; mas em Flusser tal empreitada é levada ao limite. Deleuze traçou – bem o disse Foucault – os caminhos da primeira grande estrada da filosofia neste século XXI, “esse século que ainda será deleuziano”, como prediz Foucault, porta de entrada de uma ética filosófica no circuito aberrante do devir humano. Mas Flusser viu tudo isso e foi além. Saiu da história para escrever e inscrever o seu alfabeto no cume da Pós-história.

Imagens são abismos voadores

Sigo agora a pensar comigo como funcionaria um pensamento original e de exponencial vocação. E imagino como os alfabetos são criados, quando e por quem eles são escritos ou produzidos – inventados, é a palavra – ao ganhar novas imagens esculpidas nas paredes do pensamento que formam essas novas transfigurações e suportes de imagens que tatuam os cérebros do mundo inteiro e de todas as épocas, tempos e eras. A nossa cosmologia não poderia ser diferente.

No entanto, como as formas do mundo, das gentes e das coisas, as imagens são abismos voadores, e as formas imagens desses abismos. São as transcendências que temos do mundo e as imanências que temos de nós mesmos. As formas nascem dessas imagens e imaginários que informamos – uma categoria axial e genuína de Flusser – no que temos ou fazemos do mundo e de nós mesmos. Lidamos com as formas o tempo todo, estando em

⁴ Vilém Flusser. *Comunicologia*. Martins Fontes, 2014.

⁵ Publicada pela editora Herder, em 1963, e pela AnnaBlume, 2012.

casa ou no meio do mundo.

As formas que nascem dessas imagens são de dois tipos: as imagens técnicas e as imagens poéticas. As imagens técnicas têm sua origem na língua dos alfabetos. As imagens poéticas têm origem na linguagem das cifras. Tento ler os alfabetos de Flusser desdobrando essas imagens num campo que nos aproxima e separa delas, da sua inteligibilidade e da sua artificialidade. Por elas formam-se e formamos as imagens do mundo perante o humano, ao mesmo tempo em que de/formamos as imagens dos humanos diante do mundo: umas, são as imagens da transcendência; outras, da imanência, dizia.

A psique humana é a grande nave que se move nesses meios - de dentro e de fora - ou se alimenta dessas formas e dessas informações, formações e deformações. Bachelard é lapidar ao dizer, em seus estudos da imaginação - essa “faculdade de *deformar* as imagens fornecidas pela percepção”⁶- nem a que formamos em nosso cérebro acreditando que sejam “nossas”.⁷

O intelecto humano – “onde os pensamentos ocorrem”, diz Flusser – corresponde a essa usina de sentidos que dão sentido às coisas, sejam as do chamado ‘mundo material’, sejam ditas “imateriais”.⁸

No livro “O Mundo codificado”, lemos um texto importante que talvez possa evitar esse tipo de reduções ‘revolucionárias’ dos que de “tudo sabem sobre internet das coisas” sem perceber que a produção das coisas não é algo separável das inteligências vitais nelas investidas e que as informam desde o primeiro traço da sua criação, produção e desenvolvimento até a sua destinação, endereçamento e distribuição. Não haveria internet das coisas sem a logística imaginária-imaterial que as formam e as deformam.

Juntos, intelecto e inteligência, sentidos e afetos, preenchem o chão e o céu de nossa psique tanto quanto os ‘campos de base’ das formas do mundo - que se reuniam em concílios que fazem traços ou traçados das formas humanas – e é isso que importa guardar de mais genuíno num pedaço de coisa injetada de um código computacional. Mas isso às vezes escapa à mente e castra as mentalidades desses profetas sem fé nem esperança na vida e na humanidade.

As formas moldam e condicionam os pensamentos e os afetos. É de onde surgem os planos de voo – os planos de navegação, planos de vidas e destinos, os planos das chegadas e das partidas, de idas e voltas.

As formas resgatam, antes da história, as idades do pensamento que se alimentam apenas de afetos. Afetos e pensamentos são o nosso fundo e chão. O fundo e o chão da história que é

⁶ Gaston Bachelard. O ar e os sonhos. Martins Fontes, 2001, p.1.

⁷ Quando escuto um grande palestrante - do tipo midiático - encher a voz sobre, por exemplo, a “internet das coisas”, sinto uma grande dó do mundo. E o quanto sabemos tão pouco daquilo que fazemos e dissemos nestes assuntos relacionados ao impensável e ao incomensurável com uma certa superioridade de quem faz coro ser sujeito da tal “revolução digital”.

⁸ Vilém Flusser. O mundo codificado. Por uma filosofia do design e da comunicação. Ubu editora, 2017.

a história de como cada um dos humanos – do mais miserável ao mais cultuado – e todo feito de formas. A própria simplicidade /complexidade da vida na imaginação/artificialidade da tecnologia – essa madrasta das formas e das formações – ali onde a vida e o humano são o que contam.⁹ O pensamento filosófico desenha e se desenha por dentro e pelas dobras dessas formas. O fundo da história é feito do efeito das informações investidas. São formas e imagens produzidas, armazenadas, distribuídas. Toda a *Comunicologia* de Flusser retoma o repertório das formas e das (novas) formações, transformações destinações.

O chão da história é o efeito das informações. São as formações e deformações das imagens da história. O chão do mundo onde pisamos, por um lado, e o fundo do mundo que imaginamos, por outro, dão origem as línguas e as cifras. Se a língua alfanumérica tenta tocar o chão do mundo e nos aproximar da realidade e de nós mesmos; a cifra computacional – sob a regência dos grandes bancos de dados – prima por codificar o seu fundo ao separar a realidade de nós mesmos.

Somente um outro alfabeto – que aqui denomino “o novo alfabeto do pensamento¹⁰ – poderá nos salvar das formas que fazem de nosso cérebro e nossa inteligência meros anexos da loucura dos gênios da computação anti-humana, esta mesma que acelera o tempo rumo à tragédia anunciada pelos impérios totalitários das redes digitais e comunicacionais. (...)

⁹ Para brincar com a palavra contar, contar histórias e contar objetos ou números. A imbricação que faço entre imaginação e matemática, e que está na base da ficção filosófica dos alfabetos de Flusser.

¹⁰ José Gil. O alfabeto do pensamento, em “O imperceptível Devir da Imanência. Sobre a filosofia de Deleuze. Relógio D’Água,2008, p. 25-43.

GIRAR – ABRIR – FOLHEAR...

A escrita inventiva: a leitura pela escrita, onde não haverá separação entre os atos de ler e escrever e os afetos de pensar e viver. A premissa da escrita inventiva está ligada à leitura direta das fontes, dos textos originais dos formuladores e não apenas dos comentadores. Tomemos como exemplo o livro de Flusser “A Escrita. Há futuro para a escrita?”

Este livro trata de um assunto fracassado: o ato de escrever – insensato ato – cujo resultado já se perdeu de si mesmo e dos seus destinatários ausentes. Talvez por isso ele antecede a hora trágica da vida, a hora em que o humano se fecha na sua própria tragédia. De todo modo, abre-se um livro ou em função do assunto ou do autor em voga. Quando o autor é desconhecido, ou melhor, não é reconhecido em sua autoria ou em sua autoridade, o livro está fadado a desaparecer junto ao seu autor. Às vezes o assunto lhe dá alguma sobrevida.

Neste livro de Flusser, tem um capítulo dramático, o capítulo 12, intitulado “livros” onde o autor, entre outras coisas, diz que “escrever é o ato absurdo do qual devemos nos livrar”; onde afirma ser “o livro é um pedaço de inteligência artificial”; que “homens são feitos de papel”; e que “vivemos do livro e para o livro”. Tudo isso parece muito confuso, e mesmo contraditório.

Mas o que mais chama atenção é quando Flusser ressalta que a sedução do livro está na sua lombada, quando o livro é girado, aberto e folheado (p. 148); Para Flusser são os três movimentos que o livro seduz, sela e faz a passagem do suporte de papel aos novos suportes criados pela inteligência artificial. Mas o essencial está neste movimento de girar, abrir e folhear. O autor não fala de fechar o livro por alguma razão – talvez pudesse quebrar o encanto da sedução. Mas esse constitui-se o momento trágico que todo livro incita ou remete, o momento em que a sedução da escrita se encontra com a rendição à leitura.

Mas um livro existe para ser aberto e também para ser fechado. É difícil ter de fechar um livro para nos ocuparmos de outros assuntos, alguns mais urgentes, interessantes ou prioritários; talvez por isso chamo esse momento de fechar de trágico. Então me aparece – como um raio de luz, a escrita de María Zambrano, para contracenar com Flusser, nos conduzir até a aurora matinal que a tragédia humana anuncia quando o homem, ao sair do

sono em sonho, irrompe-se no amanhecer seguinte.

Assim faço o cruzamento de duas escritas inventivas. E a questão do abrir-se ou deixar-se abrir, agora antecede ao giro da revolução; o abrir corresponde ao momento da sua educação; antes de fechar-se no giro inteiro da escrita inventiva, ele é propiciado no seu momento trágico, para que possa folhear e vivenciar a sua própria re-evolução (do papel ao digital). Mas não será esta a sua resolução “final”. Isso porque a re-evolução do livro passa pela tragédia e nada mais trágico do que o poder e a magia dos “dígitos”. Apenas o quarto giro não anunciado cria alguma esperança para o homem se encontrar de novo como na aurora trágica do destino humano: girar e folhear; abrir e fechar: a hora trágica do livro eterniza-se no instante da sua leitura. Eis a obra tal como a vivo. Intensa e apaixonadamente.